



UMA VISÃO DA METALINGUAGEM SEGUNDO AUTHIER-REVUZ

Ezequiel Bezerra Izaias de Macedo¹

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No decorrer de sua teoria discursiva, Authier-Revuz (2014a) relembra a diferença entre os dois planos da linguagem, trazendo numa primeira instância aquela que seria a dos aspectos linguísticos, na qual o sujeito vai simplesmente reconhecer o signo. Continuando, apresenta um segundo nível, que o designa como o plano do dizer, da língua. É também conhecido como o da instância do discurso, na qual o sujeito vai poder compreender e interpretar os signos, atribuindo-lhes significados, a depender da situação de uso.

Nessa instância a linguista se vale de teóricos como Bakhtin e Lacan. Partimos, assim, da noção de que cada enunciação é particular, uma vez que as condições estabelecidas no determinado momento da comunicação são únicas. Em vista disso, pode-se dizer que a troca que se efetua na compreensão é sempre inédita.

Nesse ponto, concordamos com Authier-Revuz (2014a), quando afirma que não poderemos jamais compreender o significado pleno de uma enunciação, por mais que nos esforcemos. Ele estará sempre posto no entremeio balizado pelo dito e pelo não dito. É por isso que se imagina a enunciação como componente de uma instância, na qual habita uma inevitável heterogeneidade. A autora cita um pensamento de Benveniste (1966, apud AUTHIER-REVUZ, 2014a), ao afirmar que os animais (no caso abordado são as abelhas) não conseguem construir uma mensagem a partir de outra mensagem.

A seguir faremos considerações sobre a enunciação para depois nos aprofundarmos nos tipos de sujeito, que são conceitos trabalhados por Authier-Revuz na sua busca pela metaenunciação. Esperamos, dessa forma, apresentar algumas das principais ideias da autora francesa, a respeito do dito e do não-dito no discurso.

¹ Mestrando em Letras - UFPE.

2 CARACTERIZAÇÕES DO SUJEITO SEGUNDO AUTHIER-REVUZ

No transcurso da produção discursiva, seja na visão do *um* seja pelo viés do *outro*, Authier-Revuz (2004) explica que, no decorrer do discurso, um locutor único produz certa quantidade de formas, as quais são linguisticamente detectáveis. Constituem-se de expressões reais e materiais que podem ser percebidas no nível da frase ou do discurso. Inscrevem, por seu turno, de uma maneira linear, o *outro* na instância da enunciação. Esse *outro* perfaz o *um* no trajeto discursivo, reverberando, de modo indelével, a sua palavra.

Essas maneiras de produzir linguagem são as formas explícitas da heterogeneidade:

É o *outro* do discurso relatado: as formas sintáticas do discurso indireto e do discurso direto designam, de maneira unívoca, no plano da frase, um outro ato de enunciação. No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação da frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

Assim, percebe-se que, por meio desses dois modos discursivos, o locutor abre espaço, de forma clara, para o discurso do outro em seu discurso particular. No discurso indireto o locutor traduz o pensamento do outro através do uso de seus próprios termos, tentando interpretar as ideias do outro. Procura, então, a inspiração no “sentido” dos objetivos da fala sobre a qual está relatando. Já no discurso direto, a citação surge como um recorte, no qual são claramente mostrados o tempo e o espaço do outro. Nesse viés, o locutor se limita a repetir as palavras do outro, tal e qual elas se apresentam. Ele desempenha, portanto, o papel de um mensageiro puro e simples.

Authier-Revuz (2014a) postula uma separação didática entre os dois planos da linguagem, apresentando uma primeira instância que seria a dos aspectos linguísticos, na qual o sujeito vai reconhecer o signo simplesmente. É o chamado plano semiótico, por meio do qual se procura a natureza do signo, num primeiro despertar, sendo, nesse quadro, influenciada por Benveniste. Apresenta um segundo nível, que o designa como o plano do dizer, da língua. É também conhecido como o da instância do discurso, na qual o sujeito vai poder compreender

e interpretar os signos, atribuindo-lhes significados, a depender da situação de uso. Nessa instância a linguista se vale de teóricos como Bakhtin e Lacan. É como se o sujeito enveredasse um pouco mais além no percurso da comunicação, atingindo um canal compreensivo mais profundo, que requer a utilização de aspectos externos à linguagem, buscando a via interpretativa.

Quando nos lançamos a traçar alguns parâmetros sobre a enunciação, devemos ter em mente que toda palavra é polissêmica. Traz vários significados e arrola diversos pensares, a depender dos fatores envolvidos no momento em que se busca a interpretação do que foi dito.

Assim, partimos da noção de que cada enunciação é particular, uma vez que as condições estabelecidas no determinado momento da comunicação são únicas. Em vista disso, pode-se dizer que a troca que se efetua na compreensão é sempre inédita. Seja no processo de escuta ou de leitura, o sentido não se apresenta de forma alguma alinhado ou imanente. É, sim, o produto de um processo de interpretação própria do leitor, o qual toma posse do texto, trazendo-o para o quintal da sua experiência singular.

Nesse ponto, concordamos com Authier-Revuz (2014a, p. 1) , quando afirma que “[...] la communication se réfère seulement à une certaine donnée objective [...] le langage permet des étagements compliqués, puisqu’on peut toujours l’utiliser pour parler sur le langage [...]”². Dessa forma, não poderemos jamais compreender o significado pleno de uma enunciação, por mais que nos esforcemos. Ele está sempre situado na praça balizada pelo dito e pelo não dito. É por isso que se imagina a enunciação como componente de uma instância na qual habita uma inevitável heterogeneidade.

Aliás, a autora cita Benveniste (1966, apud AUTHIER-REVUZ, 2014a), ao postular que os animais não são capazes de concretizar uma mensagem que seja realizada a partir de outra mensagem. Simplesmente fazem uso de formas verbais, partindo

² “[...] A comunicação se refere somente a uma certa quantidade de dados objetivos [...] A linguagem permite estágios complicados, os quais nós os podemos utilizar para falar da própria linguagem. (Tradução nossa).

de uma base de dados longe de ser complicada, com o único fito de se comunicar entre si. Portanto, insistimos no fato de que a linguagem humana é uma atividade complexa e a enunciação é um evento particular a cada sujeito, durante a produção do discurso.

Lembramos que Benveniste foi um dos primeiros que aludiu ao processo linguístico-enunciativo. Para ele, a enunciação é o lugar onde se coloca em funcionamento a língua, através de um acontecimento particularizado. É a língua em ação, em uso, em utilização. Aquela possibilidade de o ser humano poder construir estruturas complexas, que se revelam no dizer do *um* e do *outro*. Essas conformações incluem a alteridade no discurso. É a partir e através dela que circula e começa a tomar corpo a metalinguagem.

Como um dos pioneiros da enunciação, Benveniste vai além do pensamento de Saussure. A propósito, Authier-Revuz (2014a, p. 1) valoriza o papel do primeiro, afirmando ser ele um continuador deste último. Escreve que: “Après Saussure, le grand clivage (c’est de) «continuer Saussure pour aller plus loin» (Benveniste) vers le sens, le dire, le discours, tourner la page saussurienne pour passer à «autre chose» le sens, l’interaction”³.

Portanto, percebemos que, do percurso que liga o signo linguístico de Saussure até a proposta de enunciação de Benveniste, muito se caminhou. Sobretudo deve-se destacar que o fato enunciativo já se fazia latente nas ideias do mestre suíço.

Authier-Revuz ressalta, ainda, a importância de Benveniste pela sua fidelidade a Saussure. Destaca a similaridade de pensamento entre ambos, quando aquele propõe na sua obra *Problèmes de linguistique générale II* (1974), o que chamou de «double signification», a dupla significação. É um modelo que combina dois modos distintos: o modelo semiótico de uma parte e o semântico de outra. Ou seja, uma primeira instância que seria a da significação dos signos e outro degrau como representante da enunciação.

³ “[...] Após Saussure, a grande clivagem (é a de) «continuar Saussure para ir mais longe» (Benveniste), em direção ao senso, ao dizer, ao discurso, virar a página saussureana e passar a uma «outra coisa» o significado, a interação (Tradução nossa).

Assim, no desenvolvimento dos estudos linguísticos, pode-se constatar uma mudança na maneira de se abordar o sujeito. Além dos conceitos de dispersão e subjetividade, pelos quais o mesmo passa de protagonista a integrante do espaço discursivo, o sujeito também perde a centralidade das primeiras pesquisas nesse campo. Nesse sentido, cresce de importância a enunciação:

Não há mensagem pronta, “remetida por A a B”. Ela se forma no processo de comunicação entre A e B. Além disso, não é transmitida de um para outro, mas construída *entre eles* como uma ponte ideológica (MEDVEDEV, 1928, apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 42).

Essa afirmação nos conduz ao fio da metaenunciação. Ou seja, o interlocutor não apenas compreende o discurso por intermédio do seu próprio discurso, como também reflete sobre o mesmo. O significado da mensagem não pode ser definido “a priori”. Ele vai se construir ao longo do processo de interação. A mensagem vai se formar na comunicação entre os sujeitos. Observamos, assim, que os estudos sobre a concepção do sujeito progrediram sobremaneira, como veremos adiante.

Authier-Revuz trabalha nos campos da enunciação e da metalinguagem. Parte das formas da língua, baseando-se, como já mencionado, em nomes como os de Saussure e Benveniste. Para a caracterização do sujeito, a linguista convoca duas vertentes que se poderiam supor bem distintas, as quais bebem nas fontes de teóricos como Lacan e Bakhtin. Tudo isso sem se esquecer do devido trato linguístico, referente ao processo da heterogeneidade.

Explorando o trabalho psicanalítico, verifica-se que:

O inconsciente é esta parte do discurso concreto enquanto transindividual, que não está à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade do seu discurso consciente [...]. O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um vazio ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado (LACAN, 1953, p. 136, apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 50).

A partir disso, compreende-se que o inconsciente pode trazer ao discurso algumas questões que aparecem sem que o indivíduo as tenha realmente requisitado, voltando assim a um assunto pretérito. Linguagem e inconsciente apresentam-se, então, diretamente ligados. Sobre o retorno ao passado, a autora continua, afirmando que o sujeito não retorna ao passado, referindo-se ao tempo presente do caminho analítico, mas é “o passado da linguagem que retorna” (CLÉMENT, 1973b,

apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 51). Ou seja, são as experiências passadas que ressurgem através da linguagem. Assim, pode-se postular como quer a autora, que não existe verdadeiramente um “*discurso do inconsciente*” que lhe seja próprio. É o inconsciente que atua, a todo o momento, no discurso dito normal.

Ainda nesse sentido, Authier-Revuz (2004, p. 54), citando Lacan, afirma que o inconsciente é uma sucessão de significantes que se repetem em outras cenas, insistindo em interferir no momento do discurso efetivo. A linguista ensina que, através da palavra resgatam-se o tempo e o momento do sujeito.

Authier-Revuz se utiliza de conceitos bakhtinianos, sobretudo do dialogismo. Nesse sentido, citamos o próprio Bakhtin (2003, p. 33) que nos afirma que “[...] pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria [...]”. Associando assim, indelevelmente, o outro a si mesmo, o sujeito tem a capacidade de ser proativo, vindo a enxergar-se e podendo refletir-se nessa alteridade. É o dialogismo bakhtiniano que possibilita ao sujeito realizar-se por meio da sua palavra e da dos outros. Os postulados de Bakhtin valorizam a cena enunciativa através da interação entre as vozes componentes do discurso do sujeito.

O *outro* é aquele cuja palavra pode anteceder ou até mesmo suceder o enunciado do *eu*. É necessário, assim, divisar a importância do outro na constituição do sujeito. Dessa forma, Authier-Revuz (2014c, p.1) apresenta a questão da representatividade do sujeito como sendo crucial no trajeto da metaenunciação. Expõe seu pensamento categorizando o sujeito em três tipos: o sujeito clássico, o não-sujeito e o sujeito clivado, sobre os quais passaremos a discorrer.

Como a linguística não possui uma teoria do sujeito, no que concerne à sua ligação com a linguagem, Authier-Revuz (2001) nos encaminha ao campo específico da enunciação. Isso implica colocar em jogo escolhas teóricas sobre pontos que significam, por exemplo, noções de distância e desdobramento do sujeito. Essas teorias trazem materiais exteriores à linguística e conduzem a descrições profundamente variadas dos fatos discursivos.

Nesse sentido, a autora francesa nos apresenta o primeiro tipo:

La conception d'un sujet, individu bio-psycho-social qui *utilise le langage* pour communiquer, dans un rapport de maîtrise relativement à celui-ci et au sens qu'il produit - maîtrise ne voulant pas dire ici que ces approches ignorent naïvement les résistances que lui opposent, entre autres, la différence des autres auxquels il s'adresse et le caractère limité de son outil face à l'infinie singularité des expériences à transmettre, ni qu'il contrôle souverainement, sans tâtonnements ni ratés, tous les aspects d'une machinerie communicationnelle souvent posée avec une extrême sophistication (AUTHIER-REVUZ, 2001, p. 4).⁴

Esse tipo é também conhecido como sujeito clássico, ou transparente. Diz-se que seja um sujeito que alimenta a ilusão de reconhecer a si mesmo no discurso. Utiliza a linguagem para se comunicar, produzindo um sentido que se mostra transparente e imediatamente acessível. Pensa que tem o controle do que é produzido, e que pode ser senhor daquilo que diz.

O enunciado é, assim, um resultado direto do processo enunciativo. Esse sujeito baliza seu discurso em razão de determinados propósitos. Ou seja, o sujeito clássico acredita que controla soberanamente e sem nenhuma falha a complexidade de um ato comunicativo. A linguista, continuando a explorar o plano metalinguageiro, traz um segundo tipo, por meio da noção de um não-sujeito, que seria aquele “[...] sujet «produit» par le langage comme structurellement clivé par un inconscient, sujet débouté de toute position d'extériorité, sinon imaginaire, par rapport au langage et à son dire [...]” (AUTHIER-REVUZ, 2001, p. 5)⁵. Diz-se desse tipo um não-sujeito, tendo em vista que ele não produz linguagem, mas, senso contrário é produzido pela própria linguagem.

É o caso da criança na mais tenra idade que entra na linguagem por meio da mãe ou através de uma pessoa que venha a criá-la ou que cuide dela nos primeiros

⁴ “A concepção de um sujeito, indivíduo bio-psicossocial que utiliza a linguagem para se comunicar, numa relação de domínio relativamente a ele e ao que produz - domínio que não quer dizer que essas abordagens ignorem ingenuamente as resistências que se apresentam, entre outras, a diferenças em relação aos outros e aos quais ele se dirige, e o modo limitado de sua vivência, face às imensas singularidades das experiências a transmitir, nem tampouco que ele controla de maneira soberana, sem tentativas nem erros, todos os aspectos de um mecanismo comunicativo na maioria das vezes posto com extrema sofisticação. (Tradução nossa).

⁵ “[...] sujeito «produzido» pela linguagem e estruturalmente clivado por um inconsciente, sujeito que parte de uma posição exterior, imaginária à linguagem e ao seu dizer [...]”. (Tradução nossa).

meses de vida. Nessa primeira fase da vida, o bebê não fala, sendo, portanto, falado por esse outro, o qual é também conhecido como grande Outro, de acordo com a visão de Lacan. O Outro, portanto, é a mãe que interpreta os desejos da criança, vindo a enunciar os mesmos, falando por ela.

Dessa forma, num primeiro momento, o bebê se vê totalmente assujeitado, pois não produz linguagem. Encontra-se, então, ligado a esse Outro. Preso aos desejos e às atenções da mãe que refrata a sua linguagem. Em seguida, numa fase posterior, ao tempo em que a mãe favorece a inserção da criança na linguagem, o bebê deixa a posição de não-sujeito, passando a se constituir em sujeito do seu próprio discurso. A partir desse instante, o grande Outro, que até então era a mãe, vai cair e será submetido à questão da linguagem.

É importante destacar que, na visão lacaniana, o Outro é condição primeira e necessária para que o *eu* e o *outro* interajam. Todos os falantes estão regidos por esse Outro que se interpõe na fala dos outros. Pode-se compreendê-lo melhor, a partir do momento em que concebemos o Outro como a própria linguagem, a cultura de uma civilização, ou mesmo a ordenação do mundo.

Finalizando seu caminho em busca das definições dos tipos de sujeitos, segundo sua visão, a linguista francesa caracteriza um último tipo, o qual ela o define como sujeito clivado. Authier-Revuz nos conduz, então, ao campo do inconsciente, o qual teima em se manifestar nos diversos processos comunicativos:

Le sujet divisé comme sortie d'une impasse pour la prise en compte des faits métaénonciatifs [...] la situation du sujet au niveau de l'inconscient [...] le langage apparaît donc comme cette activité subjective par laquelle on dit tout autre chose que ce que l'on croit dire dans ce que l'on dit (AUTHIER-REVUZ, 2014c, p. 1).⁶

A autora trata de um sujeito representado por um significante dividido. Aqui é o inconsciente que se revela. É um sujeito descentrado daquela posição de imaginar que tudo pode. Ele é obstruído pelo desejo, pela expressão mesma desta divisão. A

⁶ "O sujeito clivado, como que tendo saído de um impasse por meio da tomada de consciência dos fatos metaenunciativos [...] a situação do sujeito em nível de inconsciente tal como Freud articula [...] a linguagem aparece assim como essa atividade subjetiva *através da qual se diz outra coisa que aquilo que se crê dizer no que se diz.* (Tradução nossa).

linguista nos explica que ele é dividido, no entanto ele não desaparece. Ele fala e continua iluminando a cena discursiva como um fantasma da forma do *eu*.

No intuito de melhor compreender o terceiro tipo proposto pela linguista francesa, vale a pena verificar a seguinte afirmação:

O sujeito de que falo é aquele que fugidamente se enuncia na língua, protegendo-se na estrutura da língua da sutura que lhe é constitutiva. O sujeito é o momentâneo que, ao emergir sob a forma de regular, denuncia-se como uma falha, que está para além da estrutura da língua, mas que nela se marca negativamente (FLORES, 1999, p. 17).

Portanto, o sujeito clivado insere-se a todo tempo no processo de enunciação. Remete à divisão do sujeito em múltiplas “personagens” que emanam do inconsciente. Ele aparece dividido, manifestando-se nas estruturas esburacadas do dizer. Valdir Flores nos clareia a definição desse sujeito, como sendo algo que se situa para além da estrutura da língua. Um processo que se concretiza nas diversas falhas de comunicação.

Esse tipo de sujeito desestabiliza, portanto, a noção de sujeito pleno, transparente. É como se o enunciador expressasse aquilo que não pensou verdadeiramente em dizer. Como se exprimisse algo que emergiu do inconsciente. Ou seja, por meio desse sujeito descentrado, barrado, clivado reconhece-se que o sujeito não é a origem do seu dizer, uma vez que o mesmo é determinado pelo inconsciente.

Na seara do discurso, verificamos que toda enunciação é una. Nasce segundo condições próprias, uma vez que as horas, os minutos e os segundos não se repetem. O tempo não recua para reconstruir uma cena discursiva com as mesmas características. Nesse ponto é que se diferencia o ser humano dos animais. A linguagem desses últimos é simples, pouco complexa e visa somente à comunicação.

O homem, por seu turno, consegue construir uma mensagem baseando-se numa outra anteriormente emitida, Benveniste já o disse. Aliás, como quer Authier-Revuz, os postulados benvenistianos são uma espécie de fio condutor das propostas de Saussure, a partir do momento em que dão início à formulação das ideias enunciativas, sem se despregar totalmente da forma da língua. Remetem a

conceitos que possibilitariam uma incursão no universo externo à linguística, em busca de uma melhor compreensão do sujeito do discurso.

Além dos fundamentos propostos por Saussure e Benveniste, Authier-Revuz se utiliza do dialogismo desenvolvido no Círculo de Bakhtin e da psicanálise proposta por Lacan, indo buscar teorias exteriores ao campo da linguística para compor seus postulados e propor uma teoria da enunciação bem particular.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso realizado pelas alcunhas do sujeito, caracterizadas pelo viés de Authier-Revuz ajuda a compreender a dimensão da metaenunciação. Revela o espaço da alteridade e da heterogeneidade discursiva, uma vez que a fala do *um* está repleta da fala do *outro*. É a heterogeneidade mostrada que se apresenta no percurso linguageiro. Essas instâncias do dizer, quando exploradas, descortinam uma tomada de consciência progressiva dos eventos enunciativos-discursivos que acontecem ao redor do sujeito.

Procuramos, assim, neste texto, caracterizar o percurso metaenunciativo na visão de Authier-Revuz. Mostramos que a língua não se presta somente à comunicação. Aporta noções de pensar, comparar e chegar a um entendimento. Num primeiro plano, a linguagem é um lugar no qual se faz apelo às ferramentas linguísticas disponíveis no interior dela mesma. Numa segunda instância, a linguagem possibilita chegarmos a conclusões extralinguísticas, trazendo instrumentos que vão além do simples discurso.

Os sujeitos apresentados por Authier-Revuz são o pleno, o não-sujeito e o clivado. O primeiro é direto. Atua por meio da linguagem, dentro de um senso cotidiano. Para apresentar o segundo tipo, a linguista passa a ideia de um pensamento que volta ao cenário. Uma espécie de “*déjà vu*”, algo que já se fazia lá, já era latente, meio apagado. O último sujeito é o clivado. Como se fosse um fundamento partido, cortado. Sua importância no discurso é diminuída e ele passa de papel principal a coadjuvante, num nítido espetáculo metaenunciativo.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. L'étage métalangagier du dire: clivages théoriques dans son approche descriptive. **Séquence I: Réperages dans le champ du métalangage.** Anais do Curso realizado na UFPE: Recife, 2014.

_____. **Entre a Transparência e a Opacidade: um estudo enunciativo do sentido.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Psychanalyse et champ linguistique de l'énonciation :parcours dans la méta-énonciation in **Linguistique et Psychanalyse**, sous la dir. de M. Arriuvé & C. Normand. Paris: Ed. In Press, 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, E. **Problèmes de Linguistique Générale II.** Paris: Gallimard, 1974.